

## A PSICANÁLISE APLICADA EM GRUPOS DE ATENDIMENTO

**Aluna: Mariana R. Marques**  
**Orientador: Marcus André Vieira**

A pesquisa se orientou pelo estudo de autores da psicanálise, como Freud, Lacan e Bion, mas também foram estudados autores de outras áreas do conhecimento, que buscam entender as novas configurações das sociedades contemporâneas, como Deleuze e Foucault. No estudo destes autores encontramos fundamentos teóricos que nos permitiram pensar as relações existentes entre os fenômenos grupais próprios da nossa sociedade e o tratamento em grupos com base psicanalítica.

Entretanto, o nosso trabalho não se restringe à esfera acadêmica, já que, em parceria com o projeto Digaí-Maré, pudemos recolher material de pesquisa a partir dos atendimentos no Complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro<sup>1</sup>. Desde janeiro de 2005, o Digaí-Maré oferece atendimento psicanalítico a grupos de crianças, adolescentes, seus familiares e professores da rede pública de ensino desta favela. Dessa forma, o trabalho de pesquisa se desenvolve levando em consideração questões que surgem na prática de atendimento (cf. o material clínico publicado em [http://www.ebprio.com.br/centros\\_atendimento\\_digai\\_produtos.htm](http://www.ebprio.com.br/centros_atendimento_digai_produtos.htm)).

### **Os fundamentos teóricos para um trabalho com grupos:**

As sociedades disciplinares, descritas por Foucault, entram em crise na virada do século XIX para o século XX, quando Deleuze identifica novas formas de exercício do poder, já anunciadas por Foucault como uma tendência à desinstitucionalização dos mecanismos disciplinares. Ao invés de o poder ser exercido no interior das instituições disciplinares de confinamento, passa a atuar ao ar livre, encerrando um tipo de dominação que não mais se baseia em moldes, e sim em uma “moldagem auto-deformante” (Deleuze, p. 221), contínua e ilimitada.

As subjetividades produzidas sob a égide do poder disciplinar tinham o confinamento como uma de suas principais referências. As diferentes instituições pelas quais o indivíduo passava em sua jornada diária atuavam como moldes subjetivos ancorados na distribuição espacial dos indivíduos em grupos. Nas sociedades de controle, vemos que o agrupamento toma novas formas, já que o poder é exercido através de um controle contínuo, o que torna dispensáveis os muros das instituições. A caracterização das sociedades disciplinares e de controle através da formação de grupos permitiu-nos investigar as constituições subjetivas utilizando como orientação as formações grupais, para que assim pudessemos chegar ao estudo da psicanálise aplicada em grupos de atendimento.

Em seu artigo *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud analisa dois grupos que são de grande importância para as sociedades disciplinares; trata-se da Igreja e do exército. Segundo Freud, a estrutura destes grupos somente se mantém coesa se dois fatores estiverem presentes: a ilusão de que o chefe ama a todos igualmente e a conseqüente formação de laços entre os componentes do grupo. Os laços que mantêm o grupo coeso têm como base o mecanismo de identificação com o líder, já estudado pela psicanálise no âmbito da constituição subjetiva individual.

---

<sup>1</sup> A bolsista vem participando das reuniões clínicas do projeto desde o início da vigência de sua bolsa, mas somente iniciará o seu trabalho de atendimento no Complexo de favelas da Maré, sob a supervisão do professor Marcus André Vieira, em agosto deste ano.

Freud aponta como o principal fenômeno da psicologia de grupo, a falta de liberdade do indivíduo que o compõe. Os mecanismos de confinamento das sociedades disciplinares são exemplares da falta de liberdade enunciada por Freud, pois esta estratégia de dominação só pode obter êxito se o fenômeno descrito por Freud estiver presente e, se possível, atuante como constituinte de subjetividades, isto é, funcionando mesmo fora das barreiras institucionais. No entanto, podemos nos perguntar se as estruturas grupais analisadas por Freud são as únicas possíveis, já que os grupos que Freud analisa são típicos das sociedades disciplinares, tendo a identificação com o líder destacada como fundamental para a sua coesão.

Sabemos que, nos dias de hoje, grupos como aqueles analisados por Freud não são a regra. Uma das características mais evidentes das sociedades contemporâneas se verifica na dispersão, que, na terminologia lacaniana, pode ser entendida como a falta de resposta, ou inconsistência, do Outro. Essa falta de consistência que o Outro assume indicou-nos o caminho que deveríamos percorrer em nosso trabalho clínico com grupos, pois precisamos pensar em maneiras de intervir que não desestruturassem o que já estava formado, e, ao mesmo tempo, atuassem como novas possibilidades de singularização do indivíduo perante o grupo. Assim, importa para o nosso trabalho, compreender as novas possibilidades de formações grupais que surgem nas sociedades contemporâneas, para assim pensarmos a nossa inserção como analistas.

Em “A Psiquiatria inglesa e a guerra”, Lacan faz uma crítica à análise freudiana dos grupos, pois Freud destaca a identificação vertical dos membros do grupo para com o líder sem dar ênfase à identificação horizontal, utilizada posteriormente por Bion em seu trabalho de reabilitação com os militares. Segundo Lacan, existe no relato de Bion “o princípio de um tratamento grupal, fundamentado na experiência e na conscientização dos fatores necessários a um *bom espírito de grupo*” (Lacan, 1946). A crítica de Lacan, assim como a experiência de Bion, nos fizeram compreender que a identificação, seja com o líder ou com os outros membros do grupo, muitas vezes é rompida para dar lugar à singularidade do sujeito. Assim, Bion relata que alguns pacientes recebiam alta do hospital “muitas vezes quando se haviam tornado úteis” (Bion, 1975).

Tendo como inspiração a prática de Bion, Lacan propõe o modelo do cartel. Em sua proposta original, o cartel é um pequeno grupo de trabalho que tem como objetivo a produção, tanto de saber, como de efeitos de sujeito em seus integrantes. São estes efeitos de sujeito que justificam a afirmação de Bion sobre a alta de seus pacientes, pois, ao dizer que estes se tornaram úteis, Bion ressalta os efeitos da diferenciação destes pacientes em relação ao grupo a que pertenciam. Em um grupo de atendimento, a produção de efeitos de sujeito passa a ser o nosso principal objetivo, por isso encontramos no cartel um modelo de trabalho favorável. É nessa perspectiva que pretendemos continuar o estudo teórico e a prática com grupos, após termos percebido que muitas vezes a dissolução do grupo demonstra o esforço de seus componentes em se diferenciarem da formação grupal.

### Referências:

- DELEUZE, Gilles. “*Post-scriptum sobre as sociedades de controle*”. In: *Conversações*. Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões*. 3ª edição, VOZES, 1984.
- LACAN, Jacques. “A Psiquiatria inglesa e a guerra” (1946). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FREUD, Sigmund. “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (1921). In: *Obras psicológicas completas*, edição Standard, vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- WILFRED, R. Bion. *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.